

O PRINCÍPIO DA CRÍTICA À POESIA MACHADIANA

Fabiana
Gonçalves¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar os inícios da recepção crítica à poesia de Machado de Assis. Para tanto, analisamos textos representativos do grupo formado pela tríade crítica contemporânea ao poeta: José Veríssimo; Araripe Júnior e Sílvio Romero.

Palavras-chave: Machado de Assis; poesia; recepção crítica.

ABSTRACT

This work aims to show the first criticisms about the poetry of Machado de Assis. In this way, we analyze important texts of contemporaneous critics to the poet: José Veríssimo; Araripe Júnior and Sílvio Romero.

Keywords: Machado de Assis; poetry; critical reception.

¹ Fabiana Gonçalves é Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual Paulista campus de Assis. Atualmente trabalha em colégios da rede particular de ensino e é membro da Comissão Editorial da *Miscelânea* - Revista de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis. Endereço eletrônico: fabivotu@yahoo.com.br

Os críticos contemporâneos à publicação das *Crisálidas* (1864), das *Falenas* (1870), das *Americanas* (1875) e das *Ocidentais* (1901), acolheram, embora com algumas ressalvas, positivamente a poesia de Machado de Assis. *Crisálidas* recebeu oito críticas. *Falenas* foi resenhado por sete intelectuais, um dos textos, assinado por Oscar Jagoanharo, pseudônimo de Tristão de Alencar Araripe Júnior, será analisado em seguida. *Americanas*, polêmico por conta do tributo conferido ao indianismo, tema considerado por muitos literatos da época inseparável da estética romântica, e, portanto, ultrapassado em 1875, ano de seu lançamento, talvez tenha sido o volume mais rechaçado entre as compilações poéticas organizadas pelo vate fluminense.

Aos versos coligidos nessa seleta, registram-se seis críticas, duas delas publicadas fora do Brasil: um texto sem assinatura, atribuído a Salvador de Mendonça, divulgado no jornal *O Novo Mundo*, com tiragem em Nova York; e um artigo noticiado em *La Libertad*, jornal com circulação em Buenos Aires. A última antologia poética preparada por Machado de Assis, *Ocidentais*, foi lançada juntamente com uma seleção de poemas incluídos nos três primeiros livros em um único volume – *Poesias completas* – cujas páginas foram resenhadas por quatro intelectuais: Múcio Teixeira, José Veríssimo, Medeiros de Albuquerque e Sílvio Romero.²

² Os dados a respeito da recepção crítica à poesia de Machado de Assis aludidos neste artigo seguem as informações registradas por Ubiratan Machado em *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de

Albuquerque intitulou suas observações de “Crônica Literária”. Em seu escrito, o intelectual, primeiramente, invoca a presença de outro trabalho: “O artigo que, na segunda-feira desta semana, José Veríssimo publicou em colunas do *Jornal do Commercio*, acerca das poesias de Machado de Assis, é a meu ver tão magistral, tão completo, que não vale a pena desfigurá-lo, dizendo a mesma coisa por outras palavras.” (ALBUQUERQUE, apud MACHADO, 2003, p. 252). O texto referido por Albuquerque é “*Poesias completas: O Sr. Machado de Assis poeta*”. Além de comentar e reafirmar as impressões de Veríssimo, o crítico prenuncia uma opinião corrente entre os estudiosos da obra machadiana de hoje: “Quem conhece o prosador maravilhoso que escreveu estas três obras-primas: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, deve ler as suas *Poesias completas*. Só assim verá o seu talento sob todos os aspectos” (ALBUQUERQUE, apud MACHADO, 2003, p. 253).

Essa centenária sugestão foi reavivada por Silviano Santiago nas palavras iniciais de seu ensaio “Retórica da Verossimilhança”:

Janeiro: EdUERJ, 2003.

Já é tempo de se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado, percebendo que à medida que seus textos se sucedem cronologicamente certas estruturas primárias e primeiras desarticulam e se rearticulam sob forma de estruturas diferentes, mais complexas e sofisticadas (SANTIAGO, 2000, p. 27).

Dentre todas as críticas publicadas no ano de lançamento das *Poesias completas* e catalogadas pela historiografia literária brasileira, especialmente por conta dos embates literários envolvendo Machado de Assis e Sílvio Romero, supõe-se que a resenha do crítico sergipano, cujo título é o mesmo do livro resenhado, seja a mais ofensiva e contrária ao poeta e seus versos. Porém, ultrapassando as barreiras da boa civilidade literária, Múcio Teixeira recorre a dados biográficos de Machado de Assis e produz um texto semelhante ao de Romero:

Nasceu para a pacatez burocrática este estéril verzejador de meia-tigela. Subiu devagarinho, desde que trocou a tipografia pela repartição pública, até chegar a oficial de secretaria; foi mais tarde oficial da Rosa, que é a flor simbólica do amor e fidelidade à Monarquia; passou, na Republica, a servir como oficial de gabinete dos ministros da Agricultura. E até já se diz por aí, à meia voa, que está em vésperas de ser secretário particular de um alto personagem que tem secretários pessoais... Conserve-se, pois, na sua secretaria, mas não volte mais ao Parnaso (TEIXEIRA, apud MACHADO, 2003, p. 241).

Diante das perceptíveis particularidades de cada olhar lançado sobre o universo machadiano não obstante as opiniões mais ou menos comuns, encontramos textos com análises consistentes e favoráveis à poética de Machado de Assis e resenhas similares à de Teixeira. No primeiro caso, entre os críticos mais expressivos estão José Veríssimo e Araripe Júnior, pois anunciaram, a despeito dos registros negativos, o engenho do poeta.

O lado oposto tem em Sílvio Romero seu maior representante. Mesmo utilizando-se abusivamente de informações pessoais de Machado de Assis a fim de justificar uma perspectiva negativa frente à poesia do autor das *Falenas*, textos como “Poesias completas” são de extrema importância para o reconhecimento dos inícios da recepção crítica à poesia machadiana e também para o delineamento da crítica literária do século XIX. Atualmente, reações como essa devem ser encaradas mais como referência a teorias e metodologias críticas do que somente casos de implicância pessoal. Assim sendo, recuperamos, para simbolizar o grupo de leitores que não acreditavam no talento do poeta, a produção crítica de Romero.

De Veríssimo, temos como basilar o artigo “O Sr. Machado de Assis, poeta”, publicado no *Jornal do Comércio* em 1901. Araripe Júnior introduziu seus pensamentos sobre a poesia do vate fluminense no cenário das letras nacionais através de seu texto “*Falenas*”. Publicada em 1870 no jornal *Dezesseis de julho*, como o título indica, a resenha focaliza o segundo volume. Podemos citar ainda dois trabalhos do crítico direcionados à atividade literária de Machado de Assis. Ambos apresentam como título o nome do Bruxo do Cosme Velho. O primeiro foi publicado em 1895 e o segundo em 1908, este, espécie de homenagem ao escritor morto nesse mesmo ano. Embora não sejam destinados diretamente à poesia, esses textos tornam-se indispensáveis para a compreensão da perspectiva de Araripe Jr. sobre o estilo literário de Machado de Assis.

Romero dedicou-se copiosamente à obra machadiana, não deixando de lado a produção em verso. O resultado foi a publicação em 1897 de um livro exclusivamente destinado ao autor: *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Desse livro constam dois textos sobre a poesia: “O poeta das *Crisálidas* e das *Falenas*” e “O poeta das *Americanas*”. Em *Outros estudos de literatura contemporânea* (1906), encontramos “Poesias completas”. Ainda que tenha sido publicado em livro em 1906, o exame romeriano traz a data de junho de 1901, ano de lançamento da antologia machadiana.

Sob o prisma de José Veríssimo

Em “O Sr. Machado de Assis, poeta”, Veríssimo oferece ao leitor uma das análises mais consistentes a respeito da poesia machadiana. Nesse texto, o crítico acentua a diferença entre a poética desenvolvida pelo autor das *Crisálidas* e a poesia de outros poetas da época. A inspiração ainda é romântica, afirma o resenhista, mas “Sente-se no poeta das *Crisálidas* mais um sentimento que se governa que um sentimento que se solta” (VERÍSSIMO, 2003, p. 244).

A objetividade literária aparece para Veríssimo como fator de composição poética, sendo justificada pela personalidade pacata de Machado de Assis. Sob influência da crítica naturalista, o crítico encontra na vida do autor, justificativas para os temas desenvolvidos nos textos ficcionais. Outra relação estabelecida entre personalidade e estilo literário, diz respeito às falhas verificadas nas poesias machadianas. De acordo com Veríssimo, “a carência de cor”, a “falta de eloquência”, a “ausência de animação” e o “abuso de hesitação” presentes na poesia são as mesmas falhas encontradas no temperamento do poeta. Aliás, confirma o estudioso, “Não conheço entre estes [poetas coetâneos a Machado de Assis] nenhum que mais completa seja a relação entre o temperamento do homem e o estilo do escritor” (VERÍSSIMO, 2003, p. 245).

Através dessa afirmação, é possível observar a predominância do uso, pela crítica naturalista, de dados biográficos nos estudos literários. Ao comparar Machado de Assis aos poetas da segunda geração romântica, e excetuando sempre Gonçalves Dias, por ser considerado mais engenhoso que o poeta das *Crisálidas*, diz Veríssimo “a língua (da obra machadiana) é incomparavelmente mais pura, mais rica, mais copiosa, e a sua versificação mais correta, mais difícil, mais elegante que a de qualquer daqueles poetas” (VERÍSSIMO, 2003, p. 246). Seguindo esse raciocínio, o crítico distancia Machado de Assis da estética romântica e sugere maior proximidade entre o poeta e os parnasianos. Nem parnasiano, nem romântico, atualmente concorda-se que Machado de Assis foi um poeta de transição, anunciando pressupostos estéticos e recuperando outros.

Caracterizando-se mais como uma exposição, “O Sr. Machado de Assis, poeta”, após alguns apontamentos direcionados a *Crisálidas*, apresenta *Falenas*, reeditado juntamente com *Ocidentais* no volume de 1901. O título chamou a atenção de Veríssimo, pois “(...) Indicava a evolução feita da lagarta (*Crisálidas*) para a borboleta (*Falenas*), forma mais perfeita, ou pelo menos mais completa e mais bela” (VERÍSSIMO, 2003, p. 246). De acordo com o crítico, a promessa fora cumprida. A forma das poesias das *Falenas* aparece ainda mais apurada que a das *Crisálidas*. Alguns poemas desse volume são qualificados de gentis e “Uma ode de Anacreonte”, pequena comédia em verso alexandrino, é uma de “(...) suas páginas mais formosas, mais características, e, no gênero, uma das mais mimosas composições da nossa língua” (VERÍSSIMO, 2003, p. 246).

A terceira coleção é recebida com surpresa por Veríssimo. Tratava-se de uma volta à poesia “americana”. Cantando coisas da América, o poeta “não atrasava nem era anacrônico”. *Ocidentais*, diz o crítico, parece ser inspirado e dominado pelo “pensamento geral comum das gentes do Ocidente, não há mais nada de americano, particular ou local neste derradeiro livro”. Os poemas desse conjunto merecedores da atenção de Veríssimo estão entre os poucos que, passados mais de cem anos, ainda figuram em antologias poéticas e escolares: “Uma criatura”, “Mundo interior”, “A mosca azul” e “No alto”.

A discussão em torno da suposta falta de emoção nos versos machadianos, largamente criticada por Romero, é retomada por Veríssimo no final do texto. Para o crítico, os três primeiros livros de poesia e as primeiras prosas machadianas demonstram a capacidade de Machado de Assis para a poética da emoção. A falta de subjetividade “desbordante e fácil” encontra explicação no “excessivo receio de desconfiança do autor em cair na sentimentalidade corriqueira, ou de se deixar iludir pelo mundo e pela vida” (VERÍSSIMO, 2003, p. 250). A evolução no processo composicional, sugerida pelos títulos das obras, realiza-se “do subjetivismo sentimental para o objetivo mental”, e o que a distingue é a sua forma, aliás, reconhecidamente, tida como um dos recursos poéticos ao qual Machado de Assis mais se dedicou.

Somada a outros aspectos, o apuro formal da poesia de Machado de Assis, garante o crítico, justificaria um lugar de destaque nas letras brasileiras ao autor: “Pela pureza e correção da forma, pela singularidade do pensamento, pela delicadeza refinada dos sentimentos e da expressão, ele (Machado) mereceria entre os nossos poetas um dos primeiros lugares” (VERÍSSIMO, 2003, p. 251). A busca pela compreensão da obra machadiana não assombrou Veríssimo apenas nesse ensaio. Os mistérios da criação do Bruxo do Cosme Velho o acompanharam durante toda vida, assim como insiste em perseguir aqueles leitores ávidos por uma olhadela a esse mundo onde se lê indefinidamente: deciframe ou devoro-te.

A crítica cortês de Araripe Júnior

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Recuperando o texto de Araripe Jr. e já o confrontando com o artigo de Veríssimo, percebe-se certa uniformidade entre um e outro. Em “*Falenas*”³, Araripe Jr discorre basicamente sobre a forma dos poemas. Para o crítico, “em todas as suas composições (as do volume *Falenas*) há um não sei quê de indefinível na forma, que parece antes oprimir e sufocar o pensamento por mais belo que ele seja, do que elevá-lo e traduzi-lo”, (ARARIPE JÚNIOR, 1970 p. 222), o que seria para Veríssimo o “defeito capital” do poeta Machado de Assis, conforme fora mencionado acima.

A obsessão do vate fluminense com a forma poemática era regida sobretudo pelos tratados de versificação em voga na época, responsáveis pela determinação de muitos dos preceitos formais em circulação e pela crítica policialesca do período, preocupada principalmente em descobrir deslizos de ordem estrutural, como métrica e rima. Portanto, o ritmo alado do verso lírico por vezes encapsulado e petrificado pela forma da poesia machadiana não significa falta de capacidade para a poesia, pois, como explicar a habilidade do poeta para as traduções? Em muitas delas, a imaginação, graça e harmonia, próprias do estilo elevado ou sublime do texto poético, são mantidas. Nessa mesma linha de raciocínio, mas sem problematizar a questão, Araripe Jr. afirma ser o poema “*Estâncias a Ema*”, “uma magnífica tradução do francês de Alexandre Dumas Filho”. Nesse poema, “deu liberdade ampla ao estro, experimentou o fervente gotejar da aflição do poeta em seu coração, e consentiu que todas as comoções procurassem a forma que melhor lhes covinha” (ARARIPE JÚNIOR, 1970, p. 222).

³ Este texto, assinado por Oscar Jagoanharo, pseudônimo de Tristão de Alencar Araripe Júnior, foi publicado originalmente em 6 de fevereiro de 1870 no periódico *Dezesseis de Julho*.

A queixa final de Araripe Jr. em relação aos poemas coligidos em *Falenas* reflete o propósito da crítica literária do século XIX: a nacionalização da literatura brasileira. Para tanto, preciso era representar nos textos literários a paisagem local, a língua falada no Brasil, os personagens presentes na realidade brasileira, enfim, os temas “genuinamente” nacionais. Nesse sentido, já em suas últimas palavras, o crítico diz ser o poeta um “íngrato”, pois não concede muito espaço nos poemas das *Falenas* aos temas nacionais, prefere o “grito da cigarra de Anacreonte” que o “melodioso canto do sabiá”.

Nos outros dois textos, conforme os próprios títulos indicam – “Machado de Assis” – Araripe Júnior focaliza menos as obras e mais a pessoa do escritor.

O texto de 1895 expõe inicialmente alguns dados a respeito da “vida oficial do poeta” e, em seguida, Araripe Jr. inicia uma discussão ainda presente nos estudos machadianos: a divisão da obra de Machado de Assis em duas fases. Esse assunto é entendido pelo crítico da seguinte forma: “Machado de Assis não chegou, entretanto, de um salto, à sua obra verdadeira” (ARARIPE JÚNIOR, 1963, p. 6), isto é, o percurso literário de Machado de Assis é marcado sim por um processo de maturação, mas não de ruptura brusca, como muitos o entenderam. A “forma clara e nítida” do autor “o namorava desde a publicação das *Crisálidas*” e logo depois se “estereotipou nas *Falenas*”. Por fim, o poeta é definido pelo crítico:

Em síntese, Machado de Assis significa um poeta clássico-romântico que, em caminho, matizando a sua imaginação com a variedade das cores e dos aspectos das opostas paisagens que foi atravessando, descobriu a existência, em sua alma, de uma região excêntrica e nela firmou as tendas do seu estilo (ARARIPE JÚNIOR, 1963, p. 9).

Em um tom elegantemente pessoal, o texto de 1908 é composto. Mesmo não focalizando os poemas, esse trabalho torna-se importante à fortuna crítica de Machado de Assis, especialmente porque trata de um tema recorrente na obra em verso e em prosa do autor: a personagem feminina.

Araripe Jr. relembra um encontro na Livraria Garnier com Machado de Assis e um “acerto de contas” ocorrido no dia entre eles. Escrevendo em um artigo a respeito de *Quincas Borba*, o crítico insinuara o pouco conhecimento que Machado de Assis possuía sobre as mulheres, daí suas heroínas serem despossuídas do *odorem feminae*. Após o episódio, tudo parecia acertado, porém, com uma ressalva Araripe Jr. acalora a situação e enfatiza: “No que dizia respeito ao pouco colorido dos tipos femininos, compreende-se que não era lícito dizer outra coisa” (ARARIPE JÚNIOR, 1966, p. 283). Se perguntada, Capitu possivelmente diria ser este um dos maiores equívocos da crítica literária brasileira.

A “boca” que afaga é a mesma que apedreja

Quando da publicação em 1897 do livro *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*, de Sílvio Romero, a última coletânea de poesia de Machado de Assis, *Ocidentais*, ainda não havia sido editada. Portanto, somente os três primeiros volumes foram contemplados nesse estudo romeriano. Conforme mencionado anteriormente, os textos presentes em *Machado de Assis* são “O poeta das *Crisálidas* e das *Falenas*” e “O poeta das *Americanas*”. Talvez, a maior contribuição oriunda desses estudos para o campo literário tanto da época quanto para os exames posteriores que buscam compreender a literatura e suas implicações no cenário cultural do século XIX, seja a teorização da atividade crítica praticada no Brasil nos primeiros anos da República. Nesse sentido, diz Romero em “O poeta das *Crisálidas* e das *Falenas*”:

Não estamos mais no tempo da mera crítica narrativa como a de Villemain, ou descritiva como a de Saint-Beuve, ou enumerativa e dissecante como a de Taine, ou classificativa como de Scherer e Brunetière. A crítica deu um passo adiante nas mãos de Hennequin, de Rod, de Vogüé, de Faguet. Não busca mais pura e simplesmente ver o homem através do livro e assistir-lhe à formação e desenvolvimento do gênio. É mister ir mais além: descortinar o homem através do livro e a sociedade através do homem (ROMERO, 1992, p. 79).

Através desse pequeno excerto, um panorama da crítica literária da época é apresentado. Assim, tendência, método e principais personagens desse cenário são observados. Mas, como o alvo é Machado de Assis e seus versos, o crítico não economiza nas palavras. Romero não particulariza seus comentários a determinado poema e vez e outra os associa a dados biográficos do autor, prática compreensível e comum à época. O poeta é descrito pelo crítico num estilo extremamente pessoal: “Machado de Assis é um doce poeta de salão, pacato e meigo, se quiserem; porém mudo ou completamente gago para servir de companheiro a qualquer coração dolorido, a qualquer alma sedenta de emoção e verdade” (ROMERO, 1992, p. 79).

As acaloradas polêmicas nas quais estavam constantemente envolvidos os dois intelectuais encontram nesses apontamentos romerianos terreno fértil. Em “O poeta das *Americanas*”, Romero inicia suas notas dessa forma: “Antes de mais nada é preciso adiantar desde logo que Machado de Assis não é um poeta” (ROMERO, 1992, p. 69). *Falenas*, *Crisálidas* e *Americanas* são obras “pálidas, frias, incolores”. As impressões romerianas de um poema do conjunto das *Americanas*, “Potira”, surgem como resposta a um ensaio de Machado de Assis, “A nova geração”, publicado na *Revista brasileira* em 1879⁴. Nas palavras do crítico sergipano:

⁴ Neste ensaio, um dos pontos discutidos e questionados por Machado de Assis é a predileção de Sílvio Romero pelos poetas do norte do Brasil.

Não retruquei (o ensaio aludido acima) e o faço agora. Os versos que deixei acima citados são do poemeto “Potira”, cuja data ignoro, mas aparece incluído nas *Americanas* em 1875. Pois bem, neste ano não haveria no Recife um poeta, por insignificante, que escrevesse versos daqueles, tão prosaicos, tão chatos, tão imprestáveis (ROMERO, 1992, p. 74).

Romero se mostra implacável nas ideias finais de seu texto: “Posso desde já afirmar: o autor das *Crisálidas* não é um notável poeta, não é mesmo um poeta, posto tenha escrito muitos versos.” (...) “Na poesia nacional seu posto é de terceira ou quarta ordem” (ROMERO, 1992, p. 77). Nesse momento, uma pergunta se antecipa: por que, apesar de fazer tantas restrições e comentários “ácidos” a Machado de Assis, Romero dedicou-se sobremaneira aos estudos machadianos a ponto de oferecer-lhe um exclusivo volume?

Essa atitude será facilmente compreendida se o leitor não permitir que o tom enérgico das ressalvas romerianas se imponha como regra ou apague a admiração – por várias vezes confessada – que o estudioso sentia pelo escritor. No texto “Poesias completas”, Romero reafirma a impressão: “é um tipo notável por mais dum título.” Quanto à reunião dos quatro livros de poesia de Machado de Assis em um único volume, Romero diz “Como quer que seja, porém, a idéia de enfeixar num todo, num só volume, aliás, pouco avultado, as quatro coleções destacadas das poesias do autor, longe de ser proveitosa, foi-lhe talvez prejudicial.” (ROMERO, apud MACHADO, 2003, p. 255)

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

O título da resenha, “Poesias completas”, sugere uma contemplação aos quatro livros de poesia, no entanto, Romero pede desculpas ao leitor e esclarece o principal objetivo de seu texto: discorrer apenas sobre as *Ocidentais*, isso porque dos demais volumes já havia tratado antes. E de fato, os textos destacados anteriormente nesse exame comprovam sua afirmação. Para o crítico, o poeta das *Ocidentais* é o mesmo dos livros anteriores: “ele (Machado) não progrediu; é sempre o mesmo tom, a mesma falha de emoção, os mesmos processos, os mesmos *tics*, tudo realçado pela mesma e geral correção da forma” (ROMERO, apud MACHADO, 2003, p. 255). Por isso, elege os poemas traduzidos “as melhores peças da coleção”. Nesse ponto caberia a mesma pergunta suscitada momentos antes: como explicar a habilidade do poeta para as traduções, uma vez que supostamente não possuía o engenho necessário para escrever os seus próprios versos?

Segundo Romero, a estagnação de Machado de Assis na arte de compor versos ocorre logo após sua formação como poeta, compreendida entre os anos de 1854 e 1864, período marcado pela iniciação machadiana nas letras e pela publicação de seu primeiro livro de poesia. De acordo com o pensamento romeriano, Machado de Assis possuía já em 1864 “um estilo, que ele polirá durante cinquenta anos, mas nunca lhe mudará o colorido e a essência, porque o metal que o constitui é sempre o mesmo.” (ROMERO, apud MACHADO, 2003, p. 256).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Falenas: versos de Machado de Assis*. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*. (Dir. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1970, v.5, pp. 219-224.
- _____. Machado de Assis. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*. (Dir. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1963, v.3, pp. 3-9.
- _____. Machado de Assis. In: *Obra crítica de Araripe Júnior*. (Dir. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1966, v.4, pp. 277-284.
- BARBOSA, João Alexandre Barbosa. Forma e história na crítica brasileira de 1870-1950. In: _____. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, pp. 63-75.
- LEAL, Cláudio Murilo. *A poesia de Machado de Assis*. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2000.
- MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro de consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Campinas-SP: UNICAMP, 1992.
- SANTIAGO, Silvano. Retórica da verossimilhança. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, pp. 27-46.
- VERÍSSIMO, José. “O Sr. Machado de Assis, poeta”. In: MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro de consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, pp. 242-252.